

Nem só de "realismo mágico" vive a literatura latino-americana

09/09/2010 - 15h19 | da [Folha.com](#)

0

Recomendar

Seja o primeiro de seus amigos a recomendar isso.

02.nov.1998/AP/Efe

O realismo fantástico é presença constante nas obras de Jorge Luis Borges (1899-1986) e de Gabriel García Márquez. Dois bons exemplos são as críticas literárias do primeiro em "[Prólogos, com um Prólogo de Prólogos](#)" e o relato do segundo no livro "[Notícia de um Seqüestro](#)".

Compõem ainda esse grupo que retrata a realidade e a diversidade da região os peruanos Alonso Cueto e Mario Vargas Llosa, o chileno Roberto Bolaño (1953-2003), a peruana naturalizada chilena Isabel Allende, os argentinos Julio Cortázar (1914-1984), Tomás Eloy Martínez (1934-2010) e Juana Bignozzi, o mexicano Carlos Fuentes, os uruguaios Mario Benedetti (1920-2009), Juan Carlos Onetti (1909-1994) e Eduardo Galeano, entre outros.

Novas reedições e até lançamentos, como "[2666](#)", de Bolaño, e "[A Ilha sob o Mar](#)", de Allende, desembarcaram nas livrarias nos últimos anos. Muitas dessas obras não eram reeditadas no Brasil há mais de 30 anos.

Bolaño cresceu no México e voltou ao Chile no começo dos anos 1970. Começou a publicar seus livros aos 40 anos, já residindo na Espanha.

Onetti merece destaque. O universo que criou em seus 16 romances influenciou grandes companheiros de continente, como Cortázar e Llosa, que teve "[A Casa Verde](#)", publicada originalmente em 1966, relançada em fevereiro deste ano pela Alfabeta no Brasil.

Onze novos contos, três tramas não incluídas em "Histórias de Cronópios e de Famas" e uma parte suprimida pelo próprio autor em "[O Jogo da Amarelinha](#)" compõem o inédito "[Papéis Inesperados](#)", de Cortázar, lançado em julho pela Civilização Brasileira.

Divulgação



Poeta argentina Juana Bignozzi ainda não tem obras publicadas no Brasil; seus livros reverberam sentimento apaixonante de objeção

Fuentes está escrevendo um livro sobre o guerrilheiro colombiano Carlos Pizarro Leongómez, jovem de classe média que virou combatente marxista.

A argentina Juana Bignozzi também revela em seus textos um caráter militante. A poeta ainda não foi traduzida no Brasil, mas seus livros reverberam um sentimento apaixonante de contestação, como nos versos de "[¿Fieras de Papel en Ambas Orillas?](#)", nos quais fala sobre os mitos históricos que obrigaram os argentinos a retroceder no tempo.

Eloy Martínez, que morreu em maio deste ano em decorrência de um câncer, aos 75 anos, era

o principal autor de romances políticos da Argentina. O escritor viveu exilado em Caracas e nos Estados Unidos entre os anos de 1966 e 1984. Tanto que o romance "[Purgatório](#)", seu último livro lançado no Brasil em 2009 pela Companhia das Letras, trata desse período e dos principais temas sobre os quais refletiu, como o autoritarismo, entidades morais e esferas de ação social.